

## Quando eu contar até três

Transcrito por Lucas M. Carvalho

(estalo do botão)

(chiado)

Terapeuta: Eu estou gravando para meus próprios registros, está bem? Ninguém vai ter acesso a isso. Finja que o gravador nem está aqui.

Mateus: (resmungo inaudível)

(barulho de papéis sendo folheados)

T: Muito bem. Posso te chamar de Mateus?

M: É melhor.

T: Mateus, então. Me dá apenas um minuto. (pausa de cinco segundos). Pode ficar à vontade. Está confortável no sofá?

M: Se eu não dormir... (risadas)

T: É a primeira vez que tem uma seção de psicoterapia, Mateus?

M: Não. Minha avó me leva todo mês, sabe? Mas a gente resolveu tentar outra psicóloga dessa vez.

T: Por que a sua avó te levava na terapia?

M: É porque... Eu sou fechado, não tenho muitos amigos. Brigo algumas vezes. Já falei muito sobre isso com a outra doutora.

T: E você gostava de conversar com ela? Tem algum motivo pra ter interrompido as conversas?

M: Minha avó reclama que eu não contava tudo pra ela. Ela achava então que se fosse um doutor homem seria mais fácil, que eu não ia ficar com medo do que você iria pensar.

T: E você tem vergonha?

M: É que as pessoas geralmente não levam muito a sério esse tipo de assunto. Elas não sabem. (suspiro profundo) Eu não me importo. Eu só não quero que o pessoal da escola saiba que eu venho no psicólogo.

(silêncio de cinco segundos)

T: Muito bem. Se eu perguntasse 'quem é Mateus Fagundes', qual seria sua resposta?

M: É... Sou eu.

T: Sim. E quem é você? Fale-me. O que você faz, o que você gosta. O que não gosta. Quero conhecer você.

M: Ok... (suspiro) Bom, eu tenho treze anos. Ainda estou na escola, mas já escrevo no blog “Segredos Revelados”. Você nunca deve ter visto, eu posso te mostrar depois. Escrevo artigos de criptozoologia e ufologia. Sabe? As pessoas pensam que sou eu quem escreve sobre os Iluminati, mas essa não é minha área. É mais ufologia mesmo, eu estudei bastante. A gente não ganha dinheiro, mas eu não to nem aí. É legal, tem uns *hangouts*, *podcasts* e mesas redondas às vezes.

(silêncio de sete segundos)

T: E por que você se interessou por essa área?

M: Eu... (silêncio de quatro segundos) Acho que as pessoas são burras demais por acreditar em tudo. Na verdade é o contrário do que você tá pensando. Elas simplificam muito as coisas... Eu só gosto de pensar que sempre tem muito mais coisa além do que a gente sabe.

T: Quando você começou a pensar assim?

(silêncio de quatro segundos)

M: Pode desligar?

T: O quê?

M: O gravador. (silêncio de três segundos) Eu não vou conseguir falar com ele ligado.

(silêncio de cinco segundos)

T: Tudo bem.

(barulho do aparelho sendo manuseado)

T: Pronto. (as vozes agora estão mais distanciadas do microfone)

M: Está desligado?

T: Está sim.

M: Ok. (sussurro quase inaudível) Em quê você acredita?

T: Como assim, Mateus?

(silêncio de quatro segundos)

M: O que você sente quando olha lá pra cima? O que pensa sobre alienígenas, aparições etc.?

T: Eu sou espírita, acredito em Deus. Mas isso não vai fazer diferença para nossa conversa, Mateus. Confie em mim, eu estou aqui somente para ajudar. É isso o que te faz ficar nervoso, Mateus? Se sente perseguido?

(silêncio de cinco segundos)

M: Aconteceu uma coisa. Eu era muito pequeno. Foi antes disso tudo. É difícil dizer, porque as lembranças são tão embaraçadas... Eu era pequeno mesmo, antes de eu saber ler. O problema é que as coisas dessa época são imaginadas. Tipo... Eu me lembrava de uma casa cheia de livros no meio da neblina, e minha mãe disse que isso nunca aconteceu. Sabe? Daí eu não sei se ela esqueceu ou se eu inventei. Outra vez eram balões cheios d'água, dentro de uma floresta. Sempre achei que era verdade, sempre pedia pra minha mãe pra voltarmos lá, então percebi que aquilo nunca existiu. Eu sei lá. Mas nesse dia, não tem como ser mentira. Aconteceu mesmo. Eu acho. Aconteceu porque tinham outras pessoas. Eu não sei o que houve, mas elas sumiram, enterraram o assunto um tempo depois. Eu fiquei com aquilo na cabeça, procurei aquelas pessoas... e até achei alguma coisa. Cheguei a escrever um artigo pro blog, mas ficou tão estranho que tive medo de publicar e ficar nada a ver. As pessoas iam achar que era apelação, e a gente ia perder credibilidade.

(silêncio prolongado - dez segundos)

M: Foi no metrô aqui do Rio. Minha mãe me levou pra visitar minha avó. Fiquei jogando videogame com meu tio. Na volta, era de tarde, eu tava cheio de sono. Só lembro de ter dormido no colo da minha mãe, bem pesado mesmo. Quando a voz anunciava a nova estação, eu acordava com aquela sensação de areia nos olhos, querendo nunca chegar, porque ia ter que levantar. Acordar era quase insuportável. Então eu dormi pesado. Pesado demais. Percebi que já era para estarmos em casa há muito tempo... Levantei a cabeça, as pessoas estavam nervosas. (suspiro) Perguntei pra minha mãe o que estava acontecendo. Ela disse que era só um problema no trem, e que logo voltaria a andar. (a voz falha, trêmula). Eu... Aconteceu tanta coisa. Sabe quando você sonha, sabe que sonhou, parece que foi ontem, mas não consegue lembrar direito? É como se tivesse uma névoa escurecendo a lembrança? (respiração ofegante)(silêncio de oito segundos)

T: É a primeira vez que você fala no assunto?

(resmungo)

T: Tudo bem. Continue.

M: Eu não sei. A gente ficou preso lá por um tempo. Eu acho que fomos todos abduzidos (silêncio de dois segundos) O que foi? Você acha engraçado?

T: De jeito nenhum, Mateus. Estou ouvindo atentamente. Acredita que foi como as histórias que você escreve? Foi por isso que começou a se interessar pelo tema?

M: Acho que foi como o caso Antônio Villas-Boas. Já ouviu falar? Só que foi o trem inteiro. A gente não tava mais nesse mundo. Mas eu não lembro de muita coisa. Eu podia pensar que tinha imaginado, mas dias depois as pessoas estavam se mobilizando, depondo na polícia... Depois tudo sumiu. Acho que é a

Síndrome do Esquecimento nos Abduzidos. (silêncio de dois segundos) Você é psicólogo... Já conversou com pessoas abduzidas antes?

T: Já sim. (silêncio de quatro segundos) Vamos voltar ao trem. Você disse que algo aconteceu ali. Mas você não estava sozinho. Sua mãe estava com você. O que ele pensa sobre esse dia? O que ela se lembra?

M: Eu não sei. Ela morreu. Adoeceu naquele mesmo ano, e agora minha avó cuida de mim.

(silêncio prolongado - 15 segundos)

T: Você disse que as conversas com a outra doutora nunca deram resultados. Bom, Mateus, vamos tentar algo diferente hoje. Vamos reconstruir a origem do seu trauma. Você quer saber de verdade o que aconteceu naquele?

M: Quero.

(barulho de papéis folheados)

T: Sua avó está lá fora, não é? Vou precisar pegar uma assinatura dela antes.

(Silêncio. Som da porta se abrindo e fechando. Som de alguém batucando em suporte de madeira. Silêncio de cento e trinta segundos. Som da porta se abrindo novamente)

T: Não encontrei sua avó. Acho que assim é até melhor.

M: Você pega a assinatura depois.

T: É. Muito bem, Mateus. Primeiro tente se lembrar de tudo o que sabe sobre o incidente. Absolutamente tudo. Esforce-se para recuperar os detalhes.

M: A gente ia descer na estação Glória, eu acho. Era de tarde.

T: Pessoas?

M: Minha mãe. Tinha uma mulher negra que conversou com a minha mãe. Tinha um homem que falava muito alto, mas não lembro o que era. Duas pessoas cantavam e tocavam pedindo dinheiro. Ah... tava cheio de gente. Uma senhora. Não lembro de outra criança, mas devia ter. Então... (pausa de três segundos) tudo se apaga. Mas isso foi depois... Eu não sei.

T: Agora quero que você fique bem calmo e preste atenção na minha voz. (silêncio de seis segundos). Iremos começar o procedimento de hipnose. Sabe o que é isso?

M: Uhn... Sim.

T: Você não tem nada com que se preocupar, Mateus. Apenas confie em mim. Olhe para mim. (silêncio de dois segundos) Você está pronto para ser hipnotizado?

M: Sim.

T: Relaxe. Relaxe. (silêncio de dois segundos) Pressione minhas mãos. Feche os olhos. Durma.

(silêncio de quatro segundos. Som da tranca da porta girando)

T: Conforme eu contar, você entrará num sono mais profundo. Cinco, sua cabeça está relaxada. Quatro, a calma se espalha pelo corpo. Três, você está mais leve. Dois, você está flutuando. Um, está completamente imerso numa imensidão de sono. (silêncio de dois segundos) Vamos voltar no tempo, Mateus. Você está no metrô, em direção à estação Glória. Está dormindo no colo de sua mãe, mas percebe tudo o que acontece à sua volta. Você consegue ver e escutar tudo. Pode sentir o calor de sua mãe?

M: Sim.

T: Pode sentir o ar condicionado do vagão?

M: Sim.

T: Agora me conte o que está acontecendo nesse exato momento.

M: As pessoas estão reclamando. Estou atrasado para o trabalho. Vamos! Vamos! Anda! A prefeitura rouba milhões, a gente paga uma fortuna nessa passagem e nada funciona. Quase quatro reais de cada um, imagina. Minha mãe pergunta para alguém se acha que o problema é grave. Calma, menina, parece que é pane elétrica. Minha mãe me vira de costas, não consigo olhar direito pra mulher que respondeu. Um homem está tossindo. (força voz feminina e canta) *Porque nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda.* Bora! Eles batem no teto do vagão. (imita voz mais grossa) *Aguardando liberação do tráfego à frente.* Minha mãe olha no celular, alguém grita *já faz uma hora!* (aumenta o tom de voz) **JÁ FAZ UMA HORA!** (barulho abafado de tapas no sofá) **UMA HORA! UMA HORA! UMA HORA!**

T: Mateus! (silêncio de dois segundos) E o que acontece depois, Mateus?

M: Estão batendo nos vidros (respiração ofegante). É barulhento. A senhora pede pelo amor de Deus. Minha mãe tenta tapar meus ouvidos, mas eu escuto tudo. Aquela mulher, tão simpática, pede o nome e telefone da minha mãe, vamos processar, o que estão fazendo é desumano, onde estão os agentes? Tentou ligar? (a voz do menino se traveste de inúmeras vozes) *Seu celular funciona? Não, o seu também não? Chegou a chamar, mas cortou no meio. Vou tentar do meu. Chama, chama, parou de chamar, está fora de área, ABRE ESSA PORTA ABRE ESSA PORTA ME AJUDA A PUXAR!*

(respiração disparada, som de um objeto caindo no chão, gemidos)

T: O que está acontecendo agora?

M: *E a palavra diz, em Isaias 6 : “Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos. Porém um dos serafins voou para mim, trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma*

*tenaz; E com a brasa tocou a minha boca, e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e expiado o teu pecado.” (o timbre de voz muda) Cala a boca, imbecil, cala a boca, está assustando todo mundo, vamos manter a ordem! (o timbre muda novamente) NÃO BATE NELE, PELO AMOR (gritos entrecortados) Segundo Timóteo... 3... 16... (gemidos de dor) Ai dos que chamam... ao mal bem... e ao bem mal... (voz normal) Segura ele, esse cara não manda...*

(silêncio abrupto que perdura por vinte segundos)

T: O que aconteceu Mateus?

M: A luz. Está escuro. (voz fragilizada, amedrontada) Estão todos quietos.

T: O que mais?

M: Está quente. As pessoas estão respirando com força. Está faltando ar.

T: Alguém está ferido?

M: Eu acho que eles o mataram. Alguém foi lá pra verificar. Não dá pra ver nada. Minha mãe me aperta contra o peito.

T: Por quanto tempo ficaram assim?

M: Uma vida toda. (o timbre de voz se distorce) *É o tempo fora do tempo. Como eles determinaram.*

(silêncio de dez segundos)

T: Quem são eles?

(gemido arrastado)

T: Como pode ser tanto tempo, Mateus? Você não sente fome? Não precisa ir ao banheiro?

(respiração ofegante, choro abafado)

M: Eu fiz lá dentro. No chão. (choro mais forte) Teve mais gente. As luzes dos celulares... eu estou com fome, um homem chegou perto e colocou um pedaço de chocolate na minha mão. Um senhor está me olhando comer, está olhando, estou com medo. Eles resolveram abrir a porta, forçar mais. Minha mãe aperta minha cabeça como se fosse me impedir de ouvir qualquer coisa. Quando a porta abre, o cheiro entra. O cheiro... o cheiro... Alguém sai, e parece ser mais de uma pessoa. Eles vão resolver isso, filho, vão buscar ajuda e ver o que está acontecendo. Está tudo fedendo. Eu quero vomitar (choro). *“E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre”.*

(gemido estremeado)

T: Mateus? Mateus? Pode me ouvir?

(gemido agudo que se estende ininterruptamente por dez segundos)

M: Ficamos lá por tanto tempo... Cada vez um de nós era puxado pro escuro, um de cada vez. Tinha umas luzes. Depois era devolvido. Alguns voltavam mortos (choro). Eu comi... Eu comi... (som de vômito forçado) Não aguentamos esperar. Alguém tentou fugir para o escuro, ouvimos tiros e gritos (silêncio de quatro segundos). A velhinha voltou falando outra língua, *mi timas la lumon kaj vero ke mi eltrovis, mi timas la lumon kaj vero ke mi eltrovis*. Levaram minha mãe por muito tempo. Eu dormia e acordava e ela não voltava. Nunca. Quando ela voltou, não lembrava quem eu era (choro). Demorou até reconhecer meu rosto entre os outros. Está tão magra! Alguém atirou na própria cabeça, e o pastor ora sem parar ao lado do corpo.

(silêncio de dez segundos)

T: E você foi levado?

(grito repentino, choro escandaloso, estrondo de algo tombando ao chão)

T: Mateus, concentre-se na minha voz!

M: Eu estou vendo (grito agudo e prolongado). Eu estou vendo! “*Mas Estêvão... fitou os olhos no céu... e viu...*”

T: O que você vê, Mateus?

(grito mais forte, a garganta arranha, som da mesa virando e golpes contra o piso de madeira)

T: Calma, Mateus! Fique calmo! Preste atenção na minha voz!

(grito varia do agudo ao grave)

T: Nã... Escuta! Quando eu contar até três você vai acordar. Um. Dois. Três. Mateus... Mateus! Um, dois, três. Calma! Para! Para! Você está se machucando! Quando eu contar... Presta atenção! Atenção! (grito do terapeuta) Três, dois, um! Três... Céus...

(som de impacto, chiado, ruídos de interferência)

(Fim da gravação)